

Sebastián, Javier Fernández (2021). *Historia conceptual en el Atlántico ibérico. Lenguajes, tempos, revoluciones*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 571 p., ISBN 978-84-375-0812-2

O livro que aqui se apresenta, *opera magna* de Javier Fernandez Sebastián, professor catedrático da Universidade do País Basco e principal responsável pela divulgação e pela prática da história conceptual em Espanha e no mundo ibero-americano, mereceria ter como epígrafe o título de um famoso conto de Jorge Luís Borges “O jardim dos caminhos que se bifurcam” (*El jardín de los senderos que se bifurcan*).

Na verdade, ao longo de 500 densas páginas ele expande-se e caminha em várias e distintas direções que vão das questões teórico-metodológicas à abordagem das linguagens, das experiências, dos conceitos, das metáforas que enformaram «um tempo transtornado», evocado sobretudo à luz das experiências revolucionárias Ibero-americanas do século XIX. No núcleo duro deste livro quase labiríntico está uma reflexão profunda que envolve a história conceptual, a temporalidade e a mudança, temas que Javier Fernández Sebastián prossegue desde há muito no vasto espaço do Atlântico Ibero-americano e no âmbito cronológico da desagregação dos impérios espanhol e português. Questionamentos que estão na origem do projeto *Iberconceptos*, de que o autor é coordenador desde 2005 formando uma rede que chegou a envolver equipas de investigadores de mais de 10 países, dando lugar a dois volumosos *Diccionários políticos y sociales del mundo Iberoamericano*. Partindo cada um da análise de cerca de 10 termos considerados palavras-chave da modernidade a que podem servir de exemplo os de estado, história, constituição, opinião pública entre muitos outros, estes dicionários ensaiam com sucesso uma história transnacional do Atlântico Ibero-americano entre 1750 e 1850 e 1750 e 1870 respetivamente.

Apoiado no princípio de que não há experiência sem conceitos mas também de que não existem conceitos sem experiência, o autor que considera

o passado «un país estraño y fascinante al que se accede com dificuldade», propõe como método mais adequado para o atingir a escuta atenta das vozes que o povoam e traduzem o modo como os contemporâneos lhe davam sentido, a partir das suas próprias categorias embora não esquecendo as nossas, permitindo-nos assim aceder aos argumentos cruzados que usaram para sustentarem posições adversas nesse mesmo passado. Ouvir, ouvir todas as partes, embora algumas vozes sejam de mais difícil audição do que outras como acontece com as dos subalternos, seria assim o preceito através do qual a história conceptual ajudaria a pensar historicamente contrastando os conceitos e linguagens do passado com as categorias analíticas do presente manejadas pelos historiadores, também elas próprias questionáveis e fugazes. Seria apenas essa escuta que nos permitiria aceder à mudança vocabular, conceptual e metafórica que acompanha mas também desenha as revoluções modernas, chave não só de uma nova consciência histórica, mas também pilar de novas legitimidades políticas sempre assentes, segundo o autor, sobre bases simbólicas e discursivas. O capítulo do livro consagrado às metáforas é particularmente ilustrativo da «revolução» que medeia, neste aspeto, a transição entre a desagregação do mundo antigo e a emergência do novo, linha de investigação que Fernández Sebastián vem prosseguindo tendo como pano de fundo a obra inspiradora de Hans Blumenberg.

O terreno espaço-temporal em que se situa uma grande parte deste estudo é o das revoluções atlânticas que decorrem entre os finais do século XVIII e os meados do século XIX e em que o mundo ibero-americano se insere como protagonista da grande rutura que representa a desagregação dos impérios atlânticos e a sua substituição por novas unidades territoriais e políticas do lado de lá do oceano. Prosseguem-se assim as primeiras realizações do projeto *Iberconceptos*, cujos contributos e resultados são objeto de uma profunda reflexão que representa ao mesmo tempo um ponto de chegada e um ponto de partida dessas obras para outras que se lhe têm seguido. Tal como nele sucedia, remete-se o início do processo para datas precisas 1808-1810, anos que coincidem com a invasão da península ibérica pelas forças napoleónicas, com a prisão do rei de Espanha Carlos IV em Bayonne acompanhado do seu filho, futuro Fernando VII, e com a retirada para o Brasil do príncipe regente D. João e de toda a família real.

Para Javier Fernández Sebastián, a história é um instrumento fundamental para pensar a complexidade dos problemas humanos, é uma «escola de inquietação», sempre preservando a diferença presente/passado. Daí a atenção que dá a múltiplos géneros de fontes que nos chegam do passado, numa atitude de imenso respeito pela sua especificidade, pela diferença de contextos, de intenções, de expectativas de futuro que os homens que nele viveram transportavam em si. Compreende-se bem esta posição que é cautelar

em relação ao anacronismo, obstáculo à compreensão histórica para o qual advertia, com insistência, Lucien Febvre, retroprojeção do presente sobre o passado como se aquele fosse *necessariamente* o resultado deste último.

Outra posição muito pertinente aconselhada por Javier Fernández Sebastián é a de «desconfiar de la engañosa transparencia del lenguaje de las fuentes, que muchas veces camufla su radical alteridad semántica bajo una fina capa léxica de palabras conocidas – palabras que existían ya entonces y siguen existiendo ahora –, voces familiares que nos llevan a creer falazmente en la inmediatez y transparencia de sus significados» (p. 39). Impõe-se, pois, ir além do que parece óbvio mas é enganoso pois se prende com mudanças de sentidos que se operam com a passagem dos tempos e com a mudança de contextos. Daí, a seu ver, a necessidade de reconstruir os conceitos e categorias em ordem à «recuperación de (...) mundos mentales perdidos», trabalho rigoroso, sempre em aberto. Por aqui passa a distinção fundamental entre conceitos analíticos, operatórios (usados pelos historiadores) e conceitos de prática (usados pelos agentes históricos num determinado momento). Este trabalho exige à história conceptual uma distanciação e ao mesmo tempo uma aproximação às vozes do passado que, no limite, permite uma mais profunda compreensão destas últimas, sempre situando-as no contexto desse mesmo passado em que viveram.

Continuador de Reinhart Koselleck, mas também conhecedor da chamada escola de Cambridge (Quentin Skinner e John Pocock), JFS vai contudo mais longe na teorização dos parâmetros ou teoremas que o historiador alemão forjou para compreender as transformações dos conceitos fundamentais – *democratização, ideologização, politização e temporalização* –, acrescentando-lhes dois outros teoremas: *internacionalização e emocionalização* dos conceitos (p. 73 e ss).

À medida que se avança na leitura deste denso livro, vai-se tornando claro para o leitor que a história conceptual é teoria e método. É história intelectual mas também história social. E, como sugere o autor, retomando Koselleck, bem pode ser tomada como uma propedêutica da teoria da história. Uma orientação teórica que é uma ferramenta hermenêutica, concentrada na observação cuidadosa de diferenças entre tempos e espaços, entre sociedades, entre grupos sociais e linguagens. E que rejeita definições apodícticas, sempre precárias (método simplificador ainda hoje adotado em muitos livros escolares de história no ensino médio).

Atento às continuidades mas também às ruturas e descontinuidades – problemática que se encontrava já nas reflexões de Ortega y Gasset – veja-se deste filósofo esse sempre estimulante ensaio, *La historia como sistema* (1935) –, o autor adota uma visão dialética sobre a relação entre tradição e modernidade (inovação): «lejos de ser terminos incompatibles se implican mutuamente» (p. 84) o que se traduz em situações híbridas em que o antigo

e o novo se mesclam. Frequentemente o novo mescla-se com o velho, em «mediaciones, solapamientos, torsiones, desplazamientos».

A língua e (acrescentaríamos), as artes plásticas e as artes do espetáculo são bons exemplos: portadoras de tradições, estão permanentemente sujeitas à mudança. Daí a atenção especial que confere aos tempos de aceleração da história, períodos de transição em que deslocamentos e ruturas acontecem. É o caso da época umbral (*Sattelzeit*) que se situa entre c. de 1770 e c. de 1850, e que, verifica JFS na sequência de extensos trabalhos, ocorre com algum atraso no mundo ibero-americano.

Discutível afigura-se-nos a intenção de *despresentificação* do passado logo expressa na introdução ou na metáfora médica da *contaminação* do objeto que os historiadores estudam. Referimo-nos à intenção expressa de «*descontaminar*» a los ‘habitantes’ del pasado de la proyección retrospectiva sobre ellos de nuestras propias pautas interpretativas» (p. 60) ou a ideia de que o historiador «contamina» o seu objeto de observação logo no momento em que seleciona os conceitos a estudar. Estamos perante a complexa problemática do presentismo. Compreendemos e subscrevemos inteiramente a prevenção crítica em relação ao excesso de presentismo, tão frequente nos tempos que correm, e à necessidade de uma apurada vigilância crítica no trabalho historiográfico, que preserve uma observação isenta dos agentes históricos do passado, as suas práticas e as suas obras. Isenta de juízos de valor, de entorses e enviesamentos doutrinários que reduzam a compreensão do passado a intenções e expectativas que lhes foram alheias (e que só se encontram na mente do historiador). Esse excessivo presentismo estreita a compreensão do passado e não é recomendável. Mas será possível despresentificar completamente a operação historiográfica? Não é o historiador profundamente marcado pela sua experiência que, como bem sublinha JFS, é situada no tempo? E não suscita o exercício da cidadania problemas que constituem desafios para os cientistas sociais, problemas que os levam a explorar tópicos pouco investigados?

Aliás, pelas densas 500 páginas deste livro perpassa a aguda consciência da historicidade do historiador e do trabalho historiográfico, sempre situados. A este propósito, e na sequência de outros trabalhos, o autor desenvolve reflexões do maior interesse para compreendermos os condicionalismos do trabalho historiográfico num tempo de «instabilidade crónica» (p. 402) como foi a época umbral dos finais do século XVIII e as primeiras décadas do XIX (designada frequentemente de época das revoluções) ou a época que estamos a viver desde os finais dos anos 70 do século XX. Esta consciência de aceleração encontra-se não só entre os contemporâneos das revoluções (Tocqueville, Lamennais, Niebhur) mas também entre os antigos (em textos do Antigo Testamento, por exemplo) – o que acentua a relevância da ideia

braudeliana da *longue durée*, também presente na perspetiva do autor. Para além dos teóricos da história conceptual, JFS mobiliza um conjunto muito vasto de estudos teóricos de múltiplas ciências sociais e humanidades – com destaque para autores como Heidegger, Hans Gadamer, Paul Ricoeur e Michel de Certeau – entre muitos outros –, com os quais dialoga criticamente. Talvez o contacto estreito com estes grandes mestres tenha acentuado o contraste com a caracterização que nos dá da atual situação da história nas sociedades ocidentais e a constatar, de um modo bem realista, «um alarmante empobrecimento e banalização da consciência histórica» entre as maiorias (p. 486). Sem esquecer as considerações críticas muito apropriadas que tece sobre o «vírus identitário» e o «populismo xenófobo» (p. 487).

Complexo, revelador de uma notável erudição, mas servido por uma linguagem acessível e de grande poder de atração, o livro que aqui se apresenta é não só um excelente exercício sobre como pensar e usar a história conceptual, mas também um instrumento indispensável para pensar inteligentemente a história *tout court*. É urgente lê-lo!

FÁTIMA SÁ E MELO FERREIRA

CIES-IUL e IHC/NOVA

fatima.sa@iscte-iul.pt

<https://orcid.org/0000-0001-5673-030X>

SÉRGIO CAMPOS MATOS

Universidade de Lisboa, Centro de História

sergiocamposmatos@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8521-5817>

